

HELENA T. RECH (ORG.)

# O SEGREDO DE UM GRANDE AMOR

DIÁRIO ESPIRITUAL DE  
IR. MARIA CELESTE FERREIRA



# Apresentação

O delicado e vigoroso texto que aqui é colocado em suas mãos guarda diversas surpresas. Mas para se deixar surpreender é necessário, antes mesmo de começar a folheá-lo, buscar a mesma fineza de espírito da autora, por respeito e por justiça. Pois se trata de um diário íntimo, de um coração que se põe em cada página como em uma aventura espiritual, em um diálogo nupcial sem intenção de publicidade. Portanto, só pode ser bem compreendido por corações em que se pede não apenas o pudor, mas também o cuidado de uma sintonia fina e de uma abertura espiritual.

Palavras verdadeiras são janelas da alma, e aqui as palavras são generosas ao abrir uma alma de paisagens imensas. Bastanos, nesta apresentação, invocar duas palavras recorrentes de Ir. Maria Celeste: o do amor divino como a luminosidade de um “sol” infinito e a profundidade de um “oceano” vasto. Aqui estão os dois abismos, de luminosidade celeste e de imersão originária, imagens arquetípicas de toda a criação e de toda alma em sua união com Deus. Como não lembrar, ao longo do seu diário espiritual, o último verso sem par com que Dante termina a *Divina Comédia*, no Canto XXXIII do Paraíso: “O amor que move o sol e as outras estrelas!”.

O diário de Ir. Maria Celeste é o testemunho interior de uma mulher cristã. E, como verdadeira cristã, deixou aqui nas pegadas de seu caminho o cumprimento do amor cristão, que é chamado a amar indivisivelmente a Deus e o próximo. Amar a Deus acima de todas as coisas lhe foi tão natural, que o seu

cuidado maior foi amar o próximo, que lhe deu mais trabalho. Quanto ao amor de Deus, talvez tenhamos aqui a maior surpresa: desde adolescente, ajudada pela leitura da mística francesa, Santa Elisabeth da Trindade, carmelita em Dijon, a Ir. Maria Celeste contradiz o senso comum e até especialistas da grandeza do teólogo Karl Rahner, um dos mais marcantes do século XX. Rahner observou que o fato de Deus ser Trindade era tão pouco sentido na vida dos cristãos, a ponto de que, se algum dia se anunciasse que não, que Deus não é Trindade, isso praticamente nada mudaria na espiritualidade cristã. E, no entanto, aqui está alguém que testemunha exatamente o contrário: Ir. Maria Celeste não se compreenderia sem a inabitação trinitária, sem esse sol que iluminou dia e noite sua alma, e esse oceano no qual cotidianamente se sentiu imersa. A experiência trinitária de Deus foi seu tesouro, sua pérola interior, pela qual tudo deixou e viveu, e que ela deu em herança à sua Congregação e a todos os cristãos que quiserem provar desses raios luminosos e dessa água cristalina: Deus é Trindade porque é Amor irradian- te, e Deus é Amor porque é Trindade hospitaleira. Essa herança preciosa nunca se vai esgotar em quem se puser no mesmo caminho. E nunca se vai agradecer o suficiente a Ir. Maria Celeste por ter deixado esse testemunho em herança.

A outra surpresa é o chão e o mundo real em que o amor da Trindade é vivido por Ir. Maria Celeste: o amor ao próximo, o outro lado do mesmo amor. Ser Serva da Trindade é ser serva de suas irmãs e irmãos, serva de um povo, de crianças a ensinar, de pobres a socorrer, de doentes a cuidar. É o lugar natural do amor a Deus na sua forma cristã, que ela seguiu com a mesma naturalidade de sua fé e de seu amor de coração indiviso que ama no mesmo amor a Deus e ao próximo. Quando Deus lhe foi concedendo companheiras de Congregação, seu cuidado

redobrou, segundo o que podemos verificar à medida que vamos avançando na leitura de seu diário espiritual. É que ela toma para si o cuidado ainda maior de cuidar das que, com ela, são cuidadoras: as irmãs que se associam no cuidado do ensino, da defesa e promoção da dignidade dos pobres, na partilha de vida com eles. Esse cuidado tem em seu diário uma exigência que, diferente do amor a Deus, pode se tornar dura e sem reciprocidade. Mas isso se pode somente adivinhar, porque até as provações são suavizadas por um coração disposto previamente a compreender e perdoar, preferindo compreender tanto que dispensa a necessidade de perdoar.

Outra surpresa preciosa, deixada em seu diário como um vestígio a seguir, é encontrar compaginadas sua vida interior e as coisas e os acontecimentos que lhe advinham dos dias da Congregação e da Igreja, enfim, da história de um mundo em mudança. Ela deu vida a uma Congregação algum tempo antes do acontecimento maior da Igreja na modernidade, o Concílio Vaticano II, que trouxe mudanças mais ou menos profundas na Igreja, inclusive na vida religiosa consagrada.

A Congregação, como todas as formas de vida consagrada, também foi convidada a mudar de um modelo pré-conciliar para um novo modelo, seja na forma da oração e da liturgia, das relações internas e da obediência, seja na forma de se situar no mundo. No Brasil essa mudança foi também um caminho marcado por novas formas de solidariedade encarnada nas periferias e na partilha de vida com os mais pobres. Pois bem: o olhar dela sobre tudo o que se movia com o Concílio Vaticano II partia de dentro de sua relação espiritual com Deus. Em seus pensamentos e preocupações, segundo o propósito repetido em seu diário, ela buscou evitar o monólogo para discernir o diálogo interior do exterior. Ela afinava, assim, seu discernimento,

suas decisões e suas condutas, com a presença divina e com a Palavra e a meditação tanto quanto com o diálogo.

Ela atravessou em espírito de oração as grandes transformações que bem cedo afetaram a Congregação, de tal forma que as exigências novas lhe foram naturais desde sempre, e o caminho para o despojamento e a solidariedade e partilha de vida com os pobres foi a concretização, na verdade, de uma autêntica inclinação que a levava desde menina para junto dos trabalhadores, na alegria de ensinar-lhes algo de Deus. De certa maneira se pode constatar aqui que o Concílio lhe concedeu maior liberdade para concretizar o que desde o começo da Congregação estava em seus sentimentos.

É bom que o leitor siga calmamente a ordem do diário sem saltar etapas. Mas, ao final desta apresentação, não posso saltar o que me ficou na alma, que deixo aqui como um vislumbre, um *trailer* do que o leitor encontrará no final: a oração do entardecer de sua vida, sem sombra de dúvida, é sua Páscoa consumada para dentro da Trindade na forma de palavras e de oração. Ela, que foi uma menina exuberante, uma jovem elegante e ardente de um amor por Deus e por todos, que desdobrou sua vida de forma incessante, que transformou sua oração em ação e sua ação em oração, que viveu sob o signo do Pai amoroso, do Filho fraterno e mestre de vida, do Espírito de santidade e missão, entrega sua vida no mais completo despojamento e abandono. Essa pérola bastaria para compreendermos que nossa leitura fez o percurso de uma vida santa que se consumiu “como um sereno, feliz e luminoso pôr do sol. Amém!”.

Porto Alegre, 24 de maio de 2017

*Frei Luiz Carlos Susin, OFM Cap*

# Introdução

Maria Celeste Ferreira nasceu no dia 8 de janeiro de 1915, numa família numerosa, com dez irmãos: sete mulheres e três homens. Seus pais eram Luis e Zulmira Ferreira. Família profundamente religiosa e praticante da fé cristã. Desde o berço, Celeste foi envolvida por amor, carinho e o testemunho de retidão e solidariedade de seus pais, avós e familiares. Com dois meses de vida foi batizada, em dia 11 de março, em Santos (SP).

A jovem Maria Celeste Ferreira, sétima filha, viveu sua infância e início da juventude num ambiente familiar cristão e socialmente abastado. Teve sua infância e juventude despreocupadas de problemas econômicos, o que lhe possibilitou dedicar-se aos estudos e à música, um de seus muitos dons. Tocava piano desde os clássicos até os contemporâneos. No período de férias do colégio gostava de passear com suas irmãs e primas, na fazenda de seus avós Afonso Ferreira e Maria Salomé Leme Ferreira, em Bragança Paulista, onde dedicava seu tempo à evangelização dos colonos dos cafezais. Maria Celeste vibrava com essa “missão” junto aos trabalhadores simples, muitos descendentes de escravos. A missão culminava com missa, confissões, batizados e casamentos. Essa experiência aquecia seu coração jovem e a confirmava em seu desejo de ser “toda da Santíssima Trindade”.

Em sua busca constante de ser inteiramente da Trindade e anunciar a todas as pessoas o Mistério da Inabituação, descobriu-se vocacionada e decidiu-se pela vida religiosa aos 15 anos, depois de ler com grande interesse o livro *Memórias de Isabel da*

*Trindade*. Após essa leitura, escreveu no seu diário: “Compreendi que só Deus poderia saciar minha sede de um amor absoluto”. Seu amor e intimidade com a Santíssima Trindade começaram muito cedo: “a Santíssima Trindade foi o grande amor de toda minha vida, embora não lembre exatamente em que época fui despertada pelas Pessoas Divinas”.<sup>1</sup> Seu pai não gostou da ideia de que Maria Celeste fosse para a vida religiosa, pois a achava muito jovem para tal decisão. Finalmente, após insistência da filha, seu pai consentiu quando estava com 18 anos, mas com a condição de fazer antes uma viagem para conhecer a Europa: Itália, França e Bélgica. O pai pensava que a viagem poderia distraí-la ou fazê-la mudar de ideia. Mas, encontrando-se na Bélgica, ingressou na Congregação das Cônegas Regulares de Santo Agostinho, onde sua irmã Maria Aparecida era noviça.

A *primeira parte* de seu diário espiritual constou dos anos de 1938 a 1940, período em que morou na Bélgica.

A *segunda parte* foi escrita no Brasil. Ela retornou de Jupille, Bélgica, ao Brasil no segundo semestre de 1940. Essa segunda parte contém a inspiração original e o processo de discernimento da fundação da Congregação das Servas da Santíssima Trindade, que aconteceu em 15 de junho de 1946. Era esse um tempo de grandes desafios, orações e busca da vontade do Pai. Sua entrega a Santíssima Trindade se fez cada vez mais intensa e profunda, pois tinha certeza de que era esse seu caminho. Caminho de um grande amor e de muitas purificações interiores, igualmente de certezas e alegrias.

Seu diário é um “tesouro espiritual”, em outras palavras um “patrimônio espiritual e místico”, onde ela nos revelou sua

---

<sup>1</sup> Registro deixado nos “Alicerces da Congregação”. In: Constituições das Servas da Santíssima Trindade, p. 18.

experiência profunda de amor a Santíssima Trindade – “Grande Sol” de sua vida, como sempre expressou.

A *Espiritualidade trinitária no mistério da inabitação*<sup>2</sup> sempre foi sua paixão e sua vocação. Ao ler a vida de Santa Elizabeth da Trindade, aos 15 anos, identificou-se com a jovem carmelita de Dijon e declarou-se “seduzida pela Santíssima Trindade”, e escreveu no seu diário espiritual: “minha vocação é amar!”. Registrou também sua firme decisão: “Eu estava já decidida a deixar o mundo e suas vaidades o mais depressa possível, pois via claramente que só o absoluto de Deus podia preencher minha vida. E, de outro lado, tendo visitado outras congregações, convenci-me de que o ideal trinitário com o qual eu sonhava não existia em nenhum lugar”.

Mulher “seduzida” por seu grande AMOR, Deus Uno e Trino, fez de toda sua vida, sonhos, alegrias, desafios, sofrimentos e purificações, a busca constante do “Amor e Glória da Trindade”.

A vida de oração e contemplação das Pessoas Divinas a tornaram uma *mulher apaixonada e destemida*, a tal ponto de oferecer-se como vítima a ser “consumida” por amor a Santíssima Trindade.

“Amar, deixar-se amar e fazer amar a Trindade” era a vocação fundante de Maria Celeste. Vocação do amor, da interioridade, da contemplação, em favor da vida e da dignidade humana.

Sempre envolvida com “seu Hóspede Divino” e com o olhar voltado para o horizonte, para a realidade, para a missão trinitária que os “sinais dos tempos” lhe apontavam.

Ir. Maria Celeste, uma mulher que sempre estava aberta aos toques da Graça em seu coração contemplativo. Igualmente aos

---

<sup>2</sup> A palavra “inabitação”, teológica e espiritualmente, significa: Deus “habitando dentro” do ser humano. *Somos templos vivos da Santíssima Trindade*.



“sinais dos tempos”. Fundou a Congregação em 1946. Na época todas as Congregações usavam hábito e ela não fugiu disso. Mas, em 1956, muito antes do Concílio Vaticano II (inaugurado em 11 de outubro de 1962), ela iniciou, com as irmãs, o processo de simplificação do hábito religioso. Pouco mais tarde, em 1957, as Irmãs passaram a trabalhar sem hábito e só usam o mesmo em casa. Pouco tempo depois o hábito foi abolido por causa do trabalho profissional e das viagens para missões em vários Estados e dioceses no Brasil.

Esse é um aspecto de sua abertura. O mais importante foi a preocupação de que todas as religiosas se beneficiassem e aprofundassem os documentos conciliares. Para isso, promovia cursos e encontros com as Irmãs, adquiriam os documentos e os estudava nas comunidades. Possibilitava às Irmãs outros cursos externos com especialistas, como catequese, liturgia, pastoral, para que elas estivessem preparadas para a missão. Todas as Irmãs, além dos estudos e da faculdade, participavam de cursos específicos dentro da sua profissão ou missão pastoral.

Ir. Maria Celeste participou também da Fundação da UISG (União Internacional das Superiores Gerais) e, em sua primeira assembleia eletiva, foi escolhida como conselheira. Nesse período em que era geral e participava da diretoria da UISG, encontrou-se mais de uma vez com Madre Teresa de Calcutá. Conheceu-a, em Roma, e visitou uma das suas casas, onde abrigava os mais pobres. Escreveu de lá uma linda carta para suas Irmãs no Brasil.

No ano seguinte foi fundada a CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) no Brasil. Ir. Maria Celeste participava ativamente dessa Fundação, bem como da Fundação da USGCB (União das Superiores Gerais de Congregações Brasileiras), da qual foi secretária e sempre se fez presença ativa das suas assembleias e encontros.

Mulher investidora, inovadora, atualizada sobre assuntos eclesiais, vida consagrada, política, sociedade e mundo. Tudo isso permeado de profunda oração e contemplação. Abertura ao novo e discernimento amadurecido na intimidade com a Trindade presente em seu coração.

Consciente de que a vivência da *inabitação trinitária* seria a entrada pelo “caminho estreito” da ascese, das noites escuras, do esvaziamento e solidão: “Quando se tem por única missão amar Deus e fazê-lo amado, é preciso enfrentar desapegos bem penosos à natureza e ao coração humano”. Porém, não temia entregar-se por inteiro, mas tantas vezes sentia-se impotente, frágil e limitada diante do desrespeito à vida, do absurdo da violência, dos assassinatos, da droga, do tráfico de seres humanos, especialmente de crianças e mulheres, da pobreza e exclusão humana. E escreveu: “Nos momentos de desânimo, de impotência... mergulharei nesse oceano de Amor que, no fundo de minha alma, jorra do Pai ao Filho e do Filho ao Pai”.

Mulher da ternura, do despojamento, da interioridade, da intelectualidade, da música e da poesia, da comunhão e solidariedade, trazia no seu jeito de ser certa “elegância”, aprendida desde o berço, própria de sua família e de sua posição social, que sabia conjugar com simplicidade, alegria, acolhida e sociabilidade.

Este livro não é um tratado de Teologia espiritual, nem uma biografia de Ir. Maria Celeste, mas o “itinerário espiritual” da jovem Celeste que se apaixonou pela Santíssima Trindade ainda adolescente, e revelou-se cada dia mais seduzida pelo Amor da Trindade, presente em seu coração. É o diário de vida interior da mulher jovem e adulta, amadurecida na fé e no amor, e que escreveu o quanto era capaz de amar o seu *Grande Amor*.

Nada melhor do que entrar em contato com os próprios escritos de Ir. Maria Celeste Ferreira e conhecer sua espiritualidade e mística trinitárias; sua busca insaciável de amar com todo seu ser e tornar a Santíssima Trindade *conhecida e amada* por todas as pessoas.

Convidamos o leitor e leitora a conhecer e beber dessa fonte de amor. Como Celeste, mergulhar no Amor da Trindade. Com certeza, ela será sua companheira nesse caminho interior.

Você não está lendo um livro comum, mas o “Diário espiritual” de Maria Celeste, no qual ela registrou sua experiência interior com a Santíssima Trindade e sua busca, desafios e sofrimentos para poder ser fiel ao *Grande amor de sua vida*: “A Santíssima Trindade foi o grande amor que dominou toda a minha vida!”.

Conhecer essa “mulher apaixonada” pela Santíssima Trindade é convite a ser uma pessoa enamorada por Deus Uno e Trino, único capaz de preencher nosso coração sedento de AMOR.

Amar é tornar-se uma pessoa de paz, de unidade, de silêncio, de solidariedade, para que surja uma nova humanidade, um mundo justo para todos – habitando nossa “Casa comum” e “Comunidade de vida” irmanada no amor do Pai, do Filho, do Santo Espírito.

*Ir. Helena T. Rech, STS*



PRIMEIRA PARTE  
DO DIÁRIO

“

*Eu queria amar o bom Deus como  
ele jamais foi amado.*

”

# 1938

Maria Celeste está com 18 anos.

Na Bélgica inicia o tempo de formação para a vida consagrada, na Congregação das Cônegas de Santo Agostinho, onde sua irmã Maria Aparecida é noviça.

“Meu Deus, Trindade adorável, que habitais minha alma, eu me comprometo, por voto (até o Natal), a entregar-me sem reservas ao vosso amor. Amar-vos, deixar-me amar e fazer com que vos amem!”

## Dia 4 de outubro

Deus quer nossa entrega total, sem reservas. Para isso, é necessário aceitá-lo por inteiro e abandonar todo o resto, ou seja, fortuna, reputação, bem-estar, comodidade e, principalmente, o coração e suas afeições (...) sacrifício bem penoso, pois temos sede de amor. Somos ignorantes e muito voltadas para o material; o vosso amor, meu Deus, nem sempre nos basta (...) Deus quer sua esposa inteiramente pura. Evitar tudo que possa ofuscar o brilho, pois é mais fácil guardar absoluta pureza do que se contentar em ficar no limite.

Deus, dai-me essa pureza que desejais, já que somente a graça, segundo Pascal, pode fazer do homem um santo: *duvidar disso é ignorar quem é o homem e quem é o santo.*

“Mortificar minha imaginação e vigiar meu modo de ser.”

## Dia 6 de outubro

Amar somente a vós, meu Deus (...) quantas provações! Ao mesmo tempo, quanta felicidade!

“Castidade, flor colhida entre os espinhos.”

## Dia 11 de outubro

Tudo está horrivelmente vazio em torno de mim. Há, no entanto, essa espessa nuvem, e mesmo assim creio que estais aqui, bem perto de mim, vós que sois o Deus que o universo não pode conter. Diante disso, como pude sentir-me só, quando tenho o Tudo em mim?

Meu Deus, por quem tudo sacrifiquei, não sois uma imagem fria e imóvel. Acredito que, intimamente, guiais com amor todas as minhas ações e meus pensamentos. E mais, vós agis, pensais, rezais e sofreis comigo! Quão profunda é essa vida a dois!

## Dia 19 de outubro

Não é para me tornar santa nem para aperfeiçoar-me na fé que amo a Deus, mas simplesmente para agradar-lhe. *Se tu amas, ame gratuitamente.*

E se eu não brilhar, não tiver sucesso em minhas tarefas, e se ninguém perceber meus esforços e se, realmente, eu não progredir? Que importa! O essencial é que Deus encontre em mim a medida do amor que Ele *me* pede e, com isso, conceda-me a graça de lhe retribuir, assim, realizarei seu plano em minha alma.